A saga do cangaço: verdades e mentiras

Melquíades Pinto Paiva*

A rebeldia rural sempre ocorre quando o acesso à terra e as condições econômicas e sociais são perversas para a gente pobre. No nordeste do Brasil, o latifúndio e o coronelismo geraram e alimentaram o cangaço.

Com o povoamento da faixa costeira começaram os conflitos entre ricos e pobres, depois da desocupação por extermínio e/ou afastamento dos índios. Na zona canavieira, o pequeno bando de José Gomes (Cabeleira) – (século XVIII), e no Recôncavo Baiano as estripulias de Lucas da Feira (século XIX), marcaram o começo do cangaceirismo nordestino, bafejado pelos ventos marinhos.

A interiorização curraleira, com a chegada de gente e boiadas, foi processo violento, tingido pelo sangue no viver cotidiano, na lida com os bichos e lutas de famílias, normalmente pelo domínio das terras. Isto sem falar da resistência dos índios.

As fazendas que iam se estabelecendo, latifúndios originados das sesmarias, passaram ao domínio dos coronéis de barranco, com seus agregados – agricultores e vaqueiros. Para os serviços de segurança, demonstrados na expansão das terras tomadas de vizinhos mais fracos e no controle dos pobres, apareceram os jagunços, componentes de tropas privadas. Era a usurpação do poder do Estado, ausente e distante, no isolamento das caatingas.

Dos jagunços saíram os primeiros cangaceiros, formando grupos autônomos, bem ligados aos interesses dos coronéis, prestando-lhes favores de sua emergente profissão, tais como garantia de proteção, vendas de armas e munições e apoios políticos. Daí, o aumento da violência nos sertões. Desde seu começo, o cangaço se mostrou serviçal, dependente dos grandes coronéis, sem preocupação social. Esta é uma verdade, que muitos teimam em não aceitar.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

É possível identificar zonas de origem dos maiores contingentes de cangaceiros, espalhadas no bioma das caatingas, destacando-se as ribeiras do Pajeú, Moxotó e Ipanema, em terras pernambucanas da bacia do rio São Francisco. O prestígio concedido aos bandoleiros, pelos sertanejos, era medido pelo grau de repulsa que tinham pelas forças volantes, com seus policiais atrabiliários.

O cangaço com maior visibilidade e melhor organização, durou cerca de 70 anos, compreendidos entre 1870 e 1940. Dentro deste período, posso distinguir cinco fases e seus principais cangaceiros: primeira fase – cangaço primitivo, que se espraia nas décadas finais do século XIX, com destaque para Jesuíno Brilhante (1844 – 1879), nascido Jesuíno Alves de Melo Calado; segunda fase – cangaço em ascensão, dos fins do século XIX até 1922, quando se projetaram Antônio Silvino (1875 – 1944), apelido de Manoel Batista de Morais e Sinhô Pereira (1896 – 1979), codinome de Sebastião Pereira da Silva; terceira fase – apogeu do cangaço, de 1922 a 1928, com a figura maior de Lampião (1898 – 1938), nome guerreiro de Virgulino Ferreira da Silva; quarta fase – ressurgência do cangaço e sua acomodação, (1928 – 1938), concentrando ações na Bahia e Sergipe, ainda bem representado por Lampião; quinta fase – final do cangaço (1938 – 1940), com a projeção solitária de Christino Gomes da Silva Cleto (1902 – 1940), vulgo Corisco.

Na realidade, o cangaço entrou em agonia na Grota do Angico (SE), no dia 28 de julho de 1938, data da morte de Lampião.

Com o fim do cangaço, de imediato, os pistoleiros, isolados na prática de seus crimes, passaram a ser os personagens de destaque na prática da violência no nordeste do Brasil.

Os cangaceiros podem ser classificados, em razão dos motivos de ingresso nas hordas criminosas: cangaço de vingança, cangaço meio de vida, cangaço de refúgio e cangaço de aventureiros e/ou facínoras.

Nos sertões, era bem visto todo aquele que praticasse vinganças de crimes ou injúrias, incluindo-se entre estas as sofridas por familiares. Elas (as vinganças) decorriam de lutas entre famílias, ofensas à moral sexual de mulheres ou de assassinatos, todas em virtude da ausência e/ou parcialidade da Justiça. Este cangaço de vingança tinha motivação nobre na cultura sertaneja. Poucos deixaram a vida bandoleira, após o alcance de seus objetivos. A maioria passou para o cangaço meio de vida, por impossibilidades de reingressos na sociedade dos sertões e/ou de fugas, em

buscas de outros espaços. Com o correr do tempo, normalmente gostavam da permanência na senda do crime.

Com respeito ao cangaço meio de vida, seu melhor e mais longo representante foi Lampião. Era o cangaço que muito praticava extorsões, roubos e negócios escusos com os coronéis, e corrompia militares das forças volantes. Foi o tipo mais agressivo e sujo de cangaço.

Constituía procedimento comum o ingresso no cangaço de refúgio por gente foragida da Justiça ou perseguida por soldados, jagunços e mesmo sertanejos de suas ambiências, inclusive por relações familiares com cangaceiros já conhecidos.

No último tipo do cangaço estavam aventureiros, facínoras natos e os que desejavam ascensão econômica e social, todos de comportamento anômalo na sociedade das caatingas.

Os cangaceiros eram jovens e vigorosos, capazes de suportar grandes provações, como fome e sede, realizar longas caminhadas com a tralha nas costas, deslocando-se em vida nômade, sem rumos certos. Bem conheciam o ambiente, seus caminhos, trilhas e depósitos naturais de água; usavam recursos da própria natureza, como alimentos e remédios. Tal conhecimento lhes deu condições fundamentais de sobrevivência. Além das técnicas de luta adaptadas às caatingas, eles se mostraram bons despistadores, com diferentes práticas de esconder os rastros, desaparecendo nos chãos semiáridos, em verdadeira prática do mimetismo. Tudo isto, sem falar na bem montada rede de coiteiros, informantes, deslavado suborno de comandantes de volantes e apoios de coronéis amigos.

O cangaço foi eficazmente combatido somente após o recrutamento de sertanejos pelas forças volantes, como os chamados nazarenos, que também eram adaptados às terras e secas regionais e tinham a mesma cultura. Gente incorruptível!

Os chefes dos bandos, em geral, eram pequenos proprietários, tidos como “arranjados”; a cabroeira saía das camadas mais pobres dos sertanejos analfabetos.

Sabe-se que cangaceiros emprestavam dinheiro aos coronéis, em declarada prática da agiotagem. Comandantes de volantes evitavam perseguí-los e até mesmo visitavam os coitos para jogatinas, bebedeiras e efetivação de negócios. Mantiveram extensas redes de coiteiros, que lhes serviam por medo ou gozo de vantagens. Coronéis foram intermediários (laranjas) na compra de propriedades. A maior vontade de Lampião era

se tornar fazendeiro, comprando terras em nome de pessoas graúdas, pois não podia registrá-las em seu próprio nome.

Em geral, as vítimas do cangaço estavam entre os desprovidos de fortuna; a principal exceção da regra foi o comerciante Luiz Gonzaga de Souza Ferraz, da cidade de Belmonte (PE), morto a mando de Lampião, atendendo pedido de vingança que lhe fez Sinhô Pereira. O primeiro, não matou seus inimigos José Alves Saturnino e José Lucena de Albuquerque Maranhão, como propalava desejar, apesar de não lhe faltarem oportunidades para tais crimes. Embora tenha se tornado inimigo dos grandes coronéis José Pereira Lima (PB) e Petronilo de Alcântara Reis (Coronel Petro) – (BA), ambos, em tempos passados, foram seus amigos.

Não vejo qualquer ação revolucionária dos cangaceiros. Eles contribuíram para a permanência do coronelismo sertanejo e do latifúndio explorador dos pobres.

Entre os eminentes chefes de bandos, Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira tinham traços de nobreza nas origens e/ou propósitos de vingança; tais predicados ocorreram, em menor escala, com Antônio Silvino. Corisco buscou o cangaço de refúgio e Lampião foi a maior expressão, no espaço e no tempo, do cangaço meio de vida.

Lampião praticou boas ações, pequenas e raras, no trato com os sertanejos despossuídos de riquezas. Em contrapartida, foi um facínora sanguinário, assolando populações e propriedades. Contribuiu para o atraso da economia regional, pela destruição de patrimônios dos que não aceitavam suas imposições e/ou eram inimigos dos seus amigos.

Na gestão dos bandos cangaceiros, os chefes eram monocráticos, ouvindo apenas familiares e comparsas mais antigos. Tudo dependia deles. A cabroeira analfabeta servia de "massa de manobra", chegando mesmo ao assalariamento. Não existia a propalada liberdade na bandidagem. Os chefes eram subservientes a coronéis protetores; os cabras eram verdadeiros escravos dos chefes. Estes podiam, inclusive, condená-los à morte. Em geral, o cangaço foi opção sem volta. As fugas eram impedidas, porque os que desejavam sair do cangaço podiam indicar às volantes os coronéis e sertanejos coiteiros, a localização de coitos e de aguadas. Quando muito, havia transferências para bandos confederados, mas as deserções foram notáveis.

Com o ingresso de mulheres no bando de Lampião em 1930, tão louvado como afirmação do feminismo, não houve tal progresso. É verdade

que Maria Bonita foi por livre vontade, pois já era mulher adulta e estava separada do marido; as demais, foram raptadas, forçadas por situações adversas ou então se mostraram simples aventureiras. Estavam ainda em plena mocidade e geralmente eram virgens.

Com exceção de Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) – (1909 – 1938), mulher de Lampião, e de Sérgia da Silva Chagas (Dadá) – (1911 – 1994), mulher de Corisco, as outras se tornaram simples escravas sexuais dos companheiros, tolerando infidelidades e sendo punidas com a morte, no caso de comportamentos semelhantes aos deles. Perdendo os companheiros, não podiam ficar solteiras ou voltarem para os lares de origem, pelas já apontadas medidas de segurança. Tinham que conseguir novos amantes, ou eram simplesmente executadas. Existem registros relativos a 81 cangaceiras. Poucas delas voltaram a viver com suas famílias, após a morte dos companheiros.

Houve forte conservadorismo. Os cangaceiros combateram todas as coisas que trouxessem modernidade aos sertões nordestinos. Foram contrários à construção de estradas e montagem de redes telegráficas, que lhes reduziam o poder de mando. Apesar disto, gostavam de muitas práticas do meio urbano e litorâneo, expressas no comer e beber, no vestir e na divulgação de imagens do seu viver.

A modernidade chegou ao domínio das caatingas com as estradas e as comunicações, diminuindo o isolamento das suas populações e abrindo novas perspectivas de vida, inclusive pela emigração para o sudeste do Brasil. O cangaço, na forma tradicional, encontrou seu fim com o advento do Estado Novo, unitário e ditatorial, que causou abalo no coronelismo sertanejo, suporte maior dos bandidos das caatingas.

A maior mentira da saga do cangaço é a do ataque e luta ao/com o bando de Lampião, na Grota do Angico (SE), em 28 de julho de 1938. Em verdade, foi uma farsa montada pela volante de João Bezerra. Com o consumo de bebidas e alimentos envenenados, cangaceiros já eram defuntos ou estavam moribundos. Os soldados queriam promoções, dinheiro e jóias. Uma vergonha, seguida do desfile e exposição macabra das cabeças dos mortos. Não houve luta, mas simples simulação bárbara!

As literaturas de cordel e de ficção tentam cristalizar o mito de bondade de Lampião, o mesmo acontecendo com o cinema. Em verdade, procuram um paradigma da coragem do povo nordestino e de sua afirmação no contexto nacional. O esquerdismo do cangaceiro é sonho de desavisados, inocentes ou safados!

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

ALVES SOBRINHO, J. – 1996 – *Lampião e Zé Saturnino : 16 anos de lutas.* Edições Bagaço Ltda., 177 pp., 7 figs., Recife.

ARAÚJO, A. A. C. – 1985 – *Lampião: as mulheres e o cangaço.* Traço Editora e Distribuidora Ltda., 391 pp., ilus., São Paulo.

ASSUNÇÃO, M. – 2007 – *Os homens que mataram o facínora. A história dos grandes inimigos de Lampião.* Editora Record Ltda., 278 pp., [24] ests. Rio de Janeiro.

BANDEIRA, R. L. S. – 2014 – *Dicionário Biográfico – Cangaceiros & Jagunços.* Edição do autor, 288 pp. [127] figs., Salvador.

BARBOSA, S. – 1977 – *Antônio Silvino: o rifle de ouro.* Companhia Editora de Pernambuco, 238 pp., [XVI] ests., Recife.

BARROS, L. O. C. – 2000 – *A Derradeira Gesta:Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão,* MAUAD Editora Ltda., 360 pp., Rio de Janeiro.

BARROSO, G. – (1917) 1931 – *Heróes e bandidos: os cangaceiros do Norte.* Livraria Francisco Alves, 281 pp., Rio de Janeiro.

CHANDLER, B. J. – ( ) 1981 – *Lampião, o rei dos cangaceiros.* Editora Paz e Terra, 289 pp., [24] figs., Rio de Janeiro.

COSTA, A. A. – [1996] 2002 – *Lampião além da versão: mentiras e mistérios de Angico.* Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, 444 pp., [71] figs., [Aracaju].

DANTAS, S. A. S. – 2006 – *Antônio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito.* Cartgraf Gráfica Editora, 313 pp., [56] figs., Natal.

DANTAS, S. A. S. – 2008 – *Lampião entre a espada e a lei: considerações biográficas e análise crítica.* Cartgraf Gráfica e Editora, XI + 340 pp., [59] figs., Natal.

DAUS, R. – (1969) 1982 – *O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste.* Fundação Casa de Rui Barbosa, VIII + 162 pp., ilus., Rio de Janeiro.

FACÓ, R. – (1963) 1980 – *Cangaceiros e fanáticos.* Editora Civilização Brasileira S. A. / Edições Universidade Federal do Ceará, [VI] + 224 pp., Fortaleza.

FERNANDES, R. – 1980 – *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Editora Universitária, 308 pp., [76] figs., Natal.

FERRAZ, M. – 1978 – *O canto do acauã.* Gráfica Falangola Editora Ltda., 336 pp., ilus., Belém.

FONTES, O. C. – 1988 – *Lampião na Bahia.* Editora Vozes Ltda., 368 pp., [43] figs., Petrópolis.

GREGÓRIO, J. – 1976 – *Cangaceiro e Herói (Jesuíno Brilhante).* Edição do autor, 123 pp., ilus., Campina Grande. Composto e impresso n'A UNIÃO Companhia Editora, João Pessoa.

GUEIROS, O. – [ ] 1953 – *"Lampeão": Memórias de um Oficial ex-comandante de Forças Volantes.* Linográfica Editôra, 303 pp., [24] figs., São Paulo.

JASMIN, E. G. – (2001) 2006 – *Lampião: Senhor do Sertão.* EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 390 pp., 8 figs., São Paulo.

JASMIN, E. [G.] – 2006 – *Cangaceiros.* Editora Terceiro Nome, 152 pp., ilus., São Paulo.

LIMA, E. – 1965 – *O Mundo Estranho dos Cangaceiros.* Editora Itapoã Ltda., XV + 327 pp., [69] figs., Salvador.

LIMA IRMÃO, J. B. – 2014 – *Lampião – a Raposa das Caatingas*. JM Gráfica e Editora Ltda., 736 pp., [462] figs., Salvador.

LIRA, J. G. – 1990 – *Lampião: memórias de um soldado volante.* Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco / Companhia Editora de Pernambuco, 665 pp., [10] ests. Recife.

MACHADO, [M.] C. [R.] M. – 1969 – *As táticas de guerra dos cangaceiros.* Gráfica. Editora Laemmert S. A., 224 pp., Rio de Janeiro.

MELLO, F. P. – 1985 – *Guerreiros do Sol: o banditismo no nordeste do Brasil.* Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, XIII + 310 pp., [30] ests., Recife.

MELLO, F. P. – 1993 – *Quem foi Lampião.* Editora Stahli/Stahli, 154 pp., [18] figs., Recife/Zürich.

MONTEIRO, F. R. P. – 2004 – *O outro lado do cangaço: as forças volantes em Pernambuco (1922 – 1938).* Printer Gráfica e Editora, 190 pp., [13] figs., Recife.

NONATO, R. – 1970 – *Jesuíno Brilhante: O Cangaceiro Romântico (1844 – 1879).* Editôra Pongetti, 203 pp., 1 fig., Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, A. L. – 1970 – *Lampião, cangaço e Nordeste.* Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro" S. A., 439 pp., [XXXII] ests., Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, X. – 1920 – *Beatos e cangaceiros.* Edição do autor, 251 pp., [XIII] ests. Rio de Janeiro.

PAIVA, M. P. – 2004 – *Ecologia do Cangaço.* Editora Interciência Ltda., XII + 74 pp., 3 figs., 45 fotos, Rio de Janeiro.

PAIVA, M. P. – 2012 – *Cangaço: uma ampla bibliografia comentada.* Editora IMEPH, 391 pp., ilus., Fortaleza.

PERICÁS, L. B. – 2010 – *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica.* Boitempo Editorial, 319 pp., [29] figs., São Paulo.

PRATA, R. [1933] s/d – *Lampião*. Editora Piratininga Ltda., 244 pp., [38] figs., São Paulo.

QUEIROZ, M. I. P. – (1968) 1977 – *Os cangaceiros.* Livraria Duas Cidades Ltda., 228 pp., ilus., São Paulo.

ROCHA, M. – [1940] – *Bandoleiros das caatingas.* Editora A NOITE, 244 pp., [XXXII] ests., Rio de Janeiro.

SANTOS, G. M. – 2014 – *Dos versos às cenas*: *O cangaço no folheto de cordel e no cinema*. Gráfica Marcone, 246 pp., 60 + 4 figs., Campina Grande.

TAVORA, F. – (1876) [ ] – *O Cabeleira.* Editora Tecnoprint Ltda. (Edições de Ouro), 222 pp., [8] figs., Rio de Janeiro.

WITTE, J. – 2005 – *Lampião VP – Sans toit, sans roi, sans loi.* Mandacaru, 384 pp., [2] figs., Lagrasse.